

Única equipa dos Açores num Nacional de futebol

Lusitânia não é clube privilegiado nos subsídios concedidos pela DGD

Guilherme Júnior

«A não ser que aconteça um grande desastre, nada previsível aliás, a nossa permanência na 3.ª divisão pode considerar-se praticamente assegurada» — afirmou-nos Valdemar Bretão, chefe do departamento de futebol do Sport Clube Lusitânia, de Angra do Heroísmo, o qual, apesar de derrotado no campo do Oriental, «leader» destacado da série E daquele campeonato nacional, ocupa o 3.º lugar, com o mesmo número de pontos do S. L. Olivais e Loures, e a dois escassos pontos do 2.º, o Estrela da Amadora.

«O nosso objectivo está, portanto, concretizado — prosseguiu Valdemar Bretão — sendo, a partir de agora, a nossa principal preocupação criar estruturas e reforçar a equipa com alguns elementos, para, na próxima época, tentarmos, então a subida à 2.ª divisão.



Estágio, eram perto de 2 horas de domingo. Para o regresso aos Açores temos de estar no Aeroporto da Portela às 7 horas de segunda-feira e só chegaremos às Lages pelas 17.30, depois de uma escala de cinco horas em Ponta Delgada. Como se vê, estas viagens representam um esforço suplementar para os jogadores.»

Resta acrescentar, sobre este ponto, que as deslocações do Lusitânia, como, de resto, as das equipas do continente aos Açores, são pagas pela FPF, cobrando esta uma taxa de dez escudos por bilhete vendido, em todos os desafios realizados em Angra do Heroísmo.

A cidade de Angra do Heroísmo dispõe apenas de um campo de jogos, que é utilizado por três clubes — Angrense e Marítimo, além do Lusitania.

Como resolvem eles o problema? Valdemar Bretão explica: «Temos um acordo com os outros clubes, segundo o qual nos treinamos de manhã e eles à tarde. Os nossos treinos começam às 7 horas, enquanto as outras equipas fazem a sua preparação ao fim da tarde. Num futuro próximo teremos a possibilidade de utilizar o campo à noite, pois está a ser montada a instalação eléctrica. Os treinos pela manhã, tão cedo, dado que a maioria dos nossos jogadores estão empregados e têm de estar despachados até às 2 horas, entre outros inconvenientes, resultam dispendiosos para o clube, uma vez que fornecemos o pequeno almoço a todos os jogadores.»

Equilíbrio financeiro

O Lusitania tem naturalmente problemas financeiros. Mas as despesas estão equilibradas com as receitas. É um clube sem dívidas, porque, de acordo com uma antiga tradição, nenhuma gerência deixa saldo negativo. O nosso articulador revelou-nos em que consiste essa tradição: «Cada gerência é responsável pelo saldo negativo que ficar do seu mandato. Isto significa que os dirigentes que entram de novo não têm que se preocupar com o défice, pois os que terminaram o mandato irão, depois, recolher fundos para pagar a dívida.»

As receitas do clube rondam os 200 contos mensais e é com esse dinheiro que os dirigentes procuram levar o clube com uma vida equilibrada. A quotização é baixa. O clube tem actualmente 2100 sócios e a quota obrigatória é de 20 escudos. «O que nos vale é que muitos associados pagam mais do que isso — esclareceu — e contamos ainda com o produto da venda dos bilhetes especiais que todos os sócios têm de pagar para assistirem aos jogos. É como se fosse «dia do clube» de cada vez que o Lusitania joga em casa.»

O clube tem ainda outras ajudas, graças à caridade dos seus adeptos. O nosso entrevistado revelou-nos que os levradores ajudam a sua participação, criando vitelos oferecidos ao Lusitania que são, depois, vendidos com um lucro deveras interessante. «Além disso — explicou Valdemar Bretão — todos os anos, no final da época, fazemos uma digressão de um mês ao Canadá e aos Estados Unidos, de onde trazemos algumas receitas que nos ajudam a pôr as finanças em ordem.»

Ainda dentro do capítulo financeiro, o nosso entrevistado quis desfazer certos equívocos quanto às facilidades que lhe são concedidas. «Erradamente, tem-se dado a entender que o Lusitania anda a disputar o nacional subsidiado pelas entidades oficiais. Trata-se de uma ideia completamente descabida, pois para além do pagamento das viagens pela FPF, como já referi, não de nossa conta todas as despesas de hospedagem e transportes (cerca de 20 contos) que fazemos no continente, por cada viagem, é semelhante, de resto, com o que se passa relativamente às equipas que nos visitam. Independentemente disso, as facilidades que nos têm sido dadas são exactamente as mesmas que são concedidas aos outros clubes da Terceira. O Lusitania não tem tratamento privilegiado na distribuição dos subsídios da DGD. É bom que isto fique entendido de uma vez por todas.»

Valdemar Brandão: "Foi concretizado o objectivo de assegurar a presença do Lusitania de Angra do Heroísmo na 3.ª Divisão"



A subida da equipa

Quando, há cerca de três meses, o Lusitania, primeira equipa açoriana a participar no nacional da 3.ª divisão (direito outorgado pelo Congresso da FPF), veio defrontar o Loures, ocupava, então, o 10.º lugar, com quatro pontos de vantagem sobre o «lanterna vermelha» posição muito pouco animadora.

De então para cá, porém, a equipa tem vindo a subir na tabela de uma forma, talvez, um tanto inesperada, se atendermos ao espírito com que os açorianos encaravam a sua participação na prova. «Quando iniciamos o campeonato estávamos conscientes das limitações do nosso «plantel» de jogadores e das dificuldades que nos esperavam. Tivemos, todavia, a sorte de encontrar um técnico competente, como é o Mário Nunes, o qual trabalhando apenas com a «prata da casa» (dá-se até a curiosidade de todos os nossos jogadores serem naturais da Terceira), conseguiu que os rapazes assimilassem os seus processos e se libertassem de certos complexos nos jogos fora de casa.»

Recordando a carreira da equipa nos últimos três meses, o nosso entrevistado sublinhou ter ela conquistado, até agora, nove pontos fora de casa, nos desafios que ganhou ao SL Olivais Bucelleses e Alverca, e nos empates conseguidos frente ao Alcochetense, Loures e Vendas Novas. «E só perdemos uma vez em casa — frizou — frente ao Alcochetense, por 1-0, na terceira jornada da segunda volta. Esse resultado ficou a dever-se aos imponderáveis do futebol, pois nesse dia até um «penalty» falhamos.»

O Lusitania tem sede própria. Foi adquirida há cerca de 17 anos, em grande parte, com o dinheiro que recebeu pela transferência de Mário Lino para o Sporting. É um dos mais belos edifícios, na principal artéria do centro da cidade, velho casarão apalaçado, com três pisos, considerado de interesse concehlo. Custou, ao tempo, 550 contos. «Hoje vale milhares» — sublinha o dirigente do clube açoreano. Segundo a sua descrição, o edifício dispõe de salão nobre, sala de jantar (onde, nos dias de jogos, os jogadores costumam almoçar), salas de convívio para os sócios e atletas, sala de troféus, gabinete da direcção, secretaria, redacção do jornal «O Lusitania», bar, posto médico, balneários, arrecadações para material e uma biblioteca, que está, neste momento, a ser remodelada.

Nas traseiras do edifício, onde existia uma esplanada, foi construído um minigimásio, que ainda não está concluído, mas em cujas obras o clube já gastou cerca de 400 contos. Para essa obra foi-lhe concedido um subsídio pela delegação da DGD, estando o recinto a ser utilizado, também, para actividades do sector escolar. Esse recinto funciona, igualmente, como salão de festas do clube.

Mas o Lusitania projecta construir um complexo desportivo. Valdemar Bretão falou-nos desse plano: «É uma velha aspiração do clube, que poderá vir a concretizar-se, dado o interesse com que a actual direcção, presidida por José Gabriel Fragoço, está a encarar o problema. Temos em vista a compra de um terreno, onde poderíamos implantar o nosso campo de futebol e as restantes instalações,

Mas o primeiro passo será realizar uma assembleia geral para discutir o assunto com os sócios, o que poderá acontecer de um momento para o outro.»

E a entrevista terminou como havia começado: «Só por um grande desastre, ou por factores estranhos ao futebol, não continuaremos na III Divisão. Mesmo sem o Arlindo, afastado há cerca de um mês e que, só agora, irá voltar aos treinos, e o Martins, que adoeceu repentinamente e acaba de ser operado ao estômago, dois elementos que são apenas os nossos melhores marcadores, as perspectivas de uma possível subida à II Divisão, são animadoras. No entanto, esse é um projecto que temos para a próxima época. Criadas as estruturas, feita a rotação, resta-nos conseguir alguns reforços, um dos quais poderá vir a ser um jogador que se encontra ao serviço de um clube da I Divisão. São estes os nossos planos.»

O Lusitania conta, ainda, quatro emates nos desafios disputados em Angra do Heroísmo, todos eles nas primeiras jornadas, «por falta de rotina», segundo justificou Valdemar Bretão. «Teoricamente, os jogos que nos faltam realizar no nosso campo são todos de ganhar. Os que temos de jogar no continente são todos difíceis, principalmente com as equipas da zona dos aflitos. De qualquer maneira, e contra toda a nossa expectativa, ainda estamos em condi-

ções de discutir o 2.º lugar, que nos daria a subida de divisão, talvez prematuramente, mas isso depende exclusivamente dos resultados que fizemos nestas últimas nove jornadas. Não contamos com isso. Se vier será por acréscimo.»

As viagens

As dificuldades (naturais) resultantes da enorme diferença entre as características do «Regional» e o nível competitivo do «Nacional», há a acrescentar o problema das viagens quinzenais ao continente. Viagens que, por vezes, «são uma verdadeira aventura.

Para se ter uma ideia do desgaste físico e psíquico que as nossas deslocações provocam na equipa, basta citar-lhe o que se passou esta semana. Os jogadores tiveram de se levantar às 3 horas da madrugada de sábado, a fim de apanharmos, às 6 horas, nas Lages, o avião, que ali faz escala, vindo de Boston. Pois bem, esse avião não fez a escala nas Lages, tendo seguido directamente para Lisboa, o que aconteceu com alguma frequência. Perante esta situação, voltámos para Angra, por conta da TAP, na perspectiva de esta Companhia ter algum voo extraordinário, o que veio a acontecer, tendo partido das Lages às 22 horas. Chegámos a Lisboa já depois da meia-noite e, quando nos instalámos no Centro de